



## O PAPEL DA LÍNGUA PORTUGUESA SOB O OLHAR DE IMIGRANTES ALUNOS DO NEPPE-UEMS

Isabella Saliba Pereira Chilante

*Instituto federal de Mato Grosso do Sul (IFMS)*

João Fábio Sanches Silva

*Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)*

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo realizar reflexões acerca do papel da língua portuguesa através do olhar de imigrantes alunos de um curso de Português como Língua de Acolhimento no âmbito do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (Neppe-UEMS). A presente pesquisa é de natureza qualitativa e de cunho interpretativista-exploratório. Os dados foram coletados por meio de questionário semiestruturado no primeiro semestre de 2019. Por meio das análises empreendidas, foi possível perceber que a língua portuguesa tem uma função que vai além de questões estruturais e de vocabulário. O idioma, para esses imigrantes, representa a possibilidade de integrar-se à sociedade brasileira e de alcançar melhores condições de vida. Dessa forma, a língua portuguesa torna-se uma ferramenta capaz de proporcionar uma acolhida tanto linguística quanto emocional a esse público na nova sociedade.

**Palavras-chave:** Português; Língua de Acolhimento; Imigrantes.

### ABSTRACT

This article aims to reflect on the role of the Portuguese language through the eyes of immigrant students of a Portuguese as Host Language course in Núcleo de Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros (Neppe) at Mato Grosso do Sul State University (UEMS). This research is qualitative and interpretative-exploratory in nature. Data were collected through a semi-structured questionnaire in the first semester of 2019. Through the analyzes undertaken, it was possible to realize that the Portuguese language has a function that goes beyond structural and vocabulary issues. The language for these immigrants represents the possibility of integrating with Brazilian society and achieving better living conditions. Thus, the Portuguese language becomes a tool capable of providing a linguistic and emotional welcome to this public in the new society.

**Keywords:** Portuguese; Host Language; Immigrants.

**Isabella Saliba Pereira Chilante** é docente do IFMS.

E-mail: [isabellasaliba@gmail.com](mailto:isabellasaliba@gmail.com)

**João Fábio Sanches Silva** é docente da UEMS.

E-mail: [joaofabioss@yahoo.com.br](mailto:joaofabioss@yahoo.com.br)



## INTRODUÇÃO

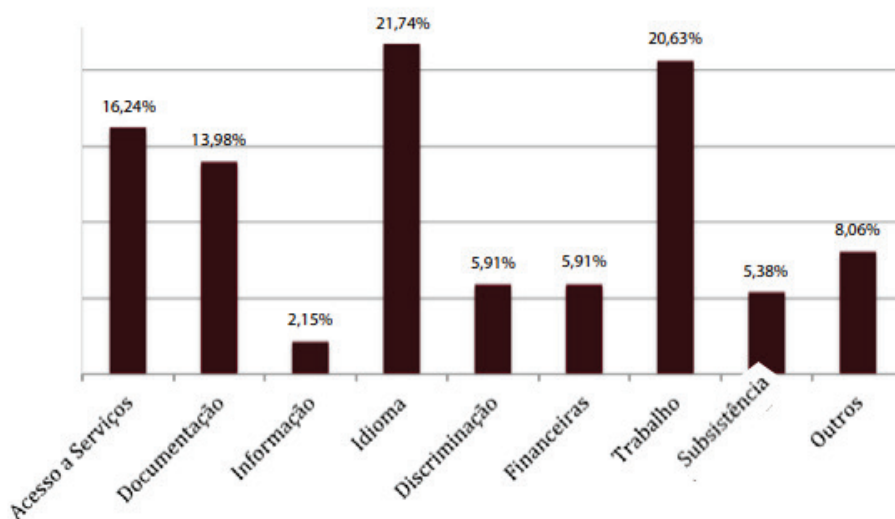
Os movimentos migratórios fazem parte da história da humanidade. Nos primórdios, o homem se deslocava em busca de alimentos ou de condições climáticas adequadas para viver. Atualmente, os deslocamentos estão ligados a fatores diversos, dentre os quais destacamos crises político-econômicas e sociais, desastres ambientais, guerras, perseguição religiosa, entre outros. Tais situações levam cada vez mais pessoas a buscarem novos lugares para se estabelecer. Esses indivíduos são chamados migrantes, sendo eles divididos em imigrantes – aqueles que entram em um novo país – e emigrantes – aqueles que saem de seus países. Neste artigo, fazemos referência somente aos imigrantes, uma vez que eles são o público-alvo da nossa pesquisa.

Com relação ao cenário migratório em Mato Grosso do Sul, constatamos, por meio de dados da Polícia Federal (2019)<sup>1</sup>, um número significativo de entradas no estado. Até o mês de abril de 2019, havia 15.722 registros ativos de imigrantes, sendo desses 9.863 de

nacionalidades sul-americanas, como bolivianos, paraguaios, colombianos e, atualmente, com maior intensidade, os venezuelanos. Destacamos também a presença de haitianos no Estado, principalmente na cidade de Corumbá. Até agosto de 2018, havia cerca de 400 haitianos residindo somente naquela cidade.

Ao falarmos sobre imigrantes, partimos da perspectiva de que os deslocamentos, em especial os forçados e decorrentes de crises ou desastres ambientais, como mencionados anteriormente, trazem consigo inúmeros desafios para essas pessoas. Além dos sentimentos de perda (de laços familiares, do emprego, do lar, entre outros), eles estão envoltos em pressões econômicas, sociais, culturais e linguísticas. De acordo com dados de uma pesquisa intitulada Migrantes, Apátridas e Refugiados, realizada em 2015 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em parceria com o Ministério da Justiça, a principal dificuldade encontrada pelo imigrante no Brasil é o idioma, como mostra o gráfico a seguir:

Figura 1: Principais dificuldades relatadas por imigrantes no Brasil



Fonte: Migrantes, Apátridas e Refugiados (IPEA, 2015, p. 138)

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.pf.gov.br/servicos-pf/imigracao/apresentacao-policia-federal-ate-abril-de-2019.pdf/view>. Acesso em: 01 jun. 2019.



Conforme exposto na figura, a língua portuguesa é tida como a maior dificuldade do imigrante no Brasil. Esse cenário nos permite inferir que ela seja o ponto de partida para que esse público consiga acessar as demais áreas expostas no gráfico, como trabalho, serviços, documentação, entre outras. Dessa forma, compreendemos a linguagem, em especial a verbal, como parte constituinte de todo ser humano. Da mesma forma, Barbosa e Ruano (2016) sugerem que os indivíduos são constituídos por meio da linguagem, da percepção de si mesmos e de seu entorno, em especial quando o indivíduo verbaliza experiências e subjetividades. Logo, consideramos que o domínio da língua majoritária do país de destino seja uma ferramenta que viabiliza maior integração do sujeito à nova sociedade do ponto de vista laboral, social, legal e cultural. Corroborando esse contexto, Oliveira, Faneca e Ferreira (2007) afirmam que o ser humano precisa das línguas para:

[...] Interagir com as outras pessoas, para exercer uma profissão, para transmitir, receber e perpetuar conhecimentos, para expressar opiniões e sentimentos, para pedir informações, entre tantas outras funções que não são só comunicativas, mas antes também afectivas, cognitivas e socializantes (OLIVEIRA, FANECA ; FERREIRA, 2007, p. 07).

A fim de possibilitar que o imigrante faça uso dessa ferramenta de maneira assertiva, é necessário que sejam ofertadas políticas linguísticas direcionadas a esse público, entretanto, no Brasil, até o momento, há uma escassez considerável de ações dessa natureza. Segundo Camargo (2018), não há legislação que institua e regulamente o ensino de português a imigrantes, fazendo com que essa tarefa esteja predominantemente a cargo da sociedade civil, sob responsabilidade de ONGs e pastorais e contando com professores voluntários, nem sempre com formação na área de língua portuguesa. A própria Lei de Migração

(Lei nº 13.445/17) não faz menção ao acesso do imigrante à aprendizagem formal do idioma por meio de políticas públicas. Para Grosso (2010), a aprendizagem da língua portuguesa é um direito de todos os cidadãos, pois é a partir dela que os imigrantes terão acesso à cidadania, além do conhecimento e o cumprimento dos deveres que os assistem. Nesse sentido, o contexto europeu está à frente do Brasil, uma vez que os próprios governos oferecem a imigrantes cursos da língua majoritária do país, como é o caso da França, com ações desenvolvidas por meio dos *Fonds d'Action Sociale*; da Alemanha, que subsidia, via recursos públicos, cursos de língua e cultura alemã visando à integração dos imigrantes à sociedade; de Portugal, que instituiu o programa *Portugal Acolhe – Português para Todos*, entre outros países.

Ao pensarmos no ensino de português ao público em questão, devemos ter em mente que suas especificidades e necessidades diferem dos demais estrangeiros que aqui chegam por motivações distintas daquelas já apresentadas. Face ao exposto, esperamos que, por meio das reflexões aqui propostas, possamos compreender o papel da língua portuguesa para esse público e, assim, pensar em práticas docentes mais direcionadas às suas necessidades e especificidades, possibilitando maior integração dos imigrantes à sociedade.

Daremos prosseguimento a este artigo definindo os conceitos de Português como Língua Estrangeira, Língua Segunda e Língua de Acolhimento, que fundamentaram as discussões aqui propostas.

## 1 O PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE ACOLHIMENTO: DEFININDO CONCEITOS

Nesta seção, discutimos as especificidades de ensino de português a imigrantes, partindo da desconstrução dos conceitos de Português como Língua Estrangeira e Segunda Língua (doravante PLE e PL2, respectivamente)



visando construir o conceito de Português como Língua de Acolhimento (PLAc). Ressaltamos que as aulas de português no Neppe são pautadas nesse conceito, que, de acordo com Grosso (2010), ultrapassa as noções de língua estrangeira ou segunda.

Entendemos o PLE como a língua que não circula comunicacionalmente no ambiente do aprendiz, o que é corroborado por Almeida Filho (2005), quando afirma que uma língua estrangeira é aquela que “[...] não conta com o contato social próximo, interativo e generalizado com uma L1<sup>2</sup> predominante” (ALMEIDA FILHO, 2005, s/p). Além disso, a apropriação de uma língua estrangeira geralmente ocorre por questões particulares (por gosto/interesse pessoal ou para fins turísticos) ou institucionalizada em escolas, como disciplina curricular, podendo, no caso do Português, ser ensinada como língua estrangeira em países falantes de outras línguas que não o português. Dessa forma, temos o PLE como uma língua que possivelmente já foi estudada pelo aprendiz no seu país de origem, preparando-o previamente para fazer uso desse idioma quando necessário.

A Segunda Língua, ainda de acordo com Almeida Filho (2005), é uma língua não-materna que se sobrepõe a outras que não circulam socialmente em setores ou instituições ou que circulam com restrições. Para Grosso (2010, p. 64), a segunda língua é plurissignificativa, sendo “[...] definida como a língua de escolarização, que contribui para o desenvolvimento psicocognitivo da criança num contexto em que a língua-alvo é língua oficial”. No Brasil, o Português pode ser considerado como segunda língua para grupos étnicos falantes de línguas nativas, como as populações indígenas. Dessa forma, compreendemos que a segunda língua coexiste com outras no mesmo espaço.

Já o PLAc é um conceito que começou a ser utilizado em Portugal a partir de 2001 para se referir à língua portuguesa ensinada aos imigrantes que lá tentavam se estabelecer. Para Grosso (2010), a aprendizagem do PLAc está relacionada a um público adulto, recém-imerso em uma realidade linguística e cultural diferente e não vivenciada antes. Dessa forma, o uso da língua estará ligado a um diversificado saber-fazer e a novas tarefas linguístico-comunicativas que devem ser realizadas na língua-alvo. No Brasil, esse conceito foi complementado por Barbosa e São Bernardo (2017), quando as autoras fazem referência ao que elas chamam de prisma emocional e subjetivo da língua, reconhecendo, ainda, “[...] os sentimentos de rejeição e do descaso do (a) aprendiz em relação à aquisição dessa nova língua que não foi escolhida por ele (a)” (SÃO BERNARDO; BARBOSA, 2018, p. 486). Percebemos, assim, que o PLAc, diferentemente do PLE e do PL2, é uma língua que deve ser aprendida por necessidade. O imigrante não escolhe aprender ou não. Ele precisa aprender para sua própria sobrevivência e, muitas vezes, de sua família.

Dessa forma, temos o PLAc como a língua ensinada para imigrantes adultos que necessitam do idioma para fins de integração junto à nova sociedade. Esse público carrega consigo, por vezes, sentimento de perda e estão envoltos em grandes pressões sociais, econômicas e emocionais; dessa forma, a aprendizagem da língua ultrapassa questões puramente linguísticas, sendo necessário que o professor seja sensível aos aspectos emocionais do aprendiz.

Outro aspecto da aprendizagem do PLAc é o seu caráter de urgência e a situação de imersão vivida pelo aprendiz, o que configura uma realidade diferente daquela que usualmente se encontra na aprendizagem de

---

<sup>2</sup> O termo L1 faz referência à Língua Materna ou Primeira Língua.



língua estrangeira. A esse respeito, Grosso (2008) defende que a formação linguística elementar do aprendiz deve:

[...] Corresponder a necessidades comunicativas imediatas bem concretas e considerar, de modo muito pertinente, uma visão da aprendizagem que não se limite a uma dimensão estritamente linguística, mas antes releve o uso da língua em contexto social, contemplando a realidade quotidianamente vivida pelos aprendentes (GROSSO, 2008, p. 09).

Face ao exposto, compreendemos o PLAc como a *língua além da língua*, pois não se trata de ensinar e aprender estruturas e vocabulário, mas sim ensinar e aprender a viver em outra língua, considerando seus aspectos linguísticos, sociais e culturais. Nesse sentido, as aulas de PLAc devem ter caráter prático e que dialoguem com as necessidades mais urgentes do público-alvo. Podem ser trabalhados temas como saúde, moradia, trabalho, cotidiano, diversidade cultural, entre outros. O propósito é que, a cada aula, os alunos adquiram conhecimentos que possam ser aplicados no dia-a-dia, como na aula sobre saúde, em que são abordadas situações em postos de saúde, ou como obter o cartão do SUS; na aula sobre trabalho, os alunos recebem informações sobre as leis trabalhistas brasileiras, são orientados quanto a entrevistas de emprego, além de confeccionar um currículo ao final. Assim é o ensino de PLAc, orientado

para a ação e a integração do imigrante junto à sociedade de acolhimento.

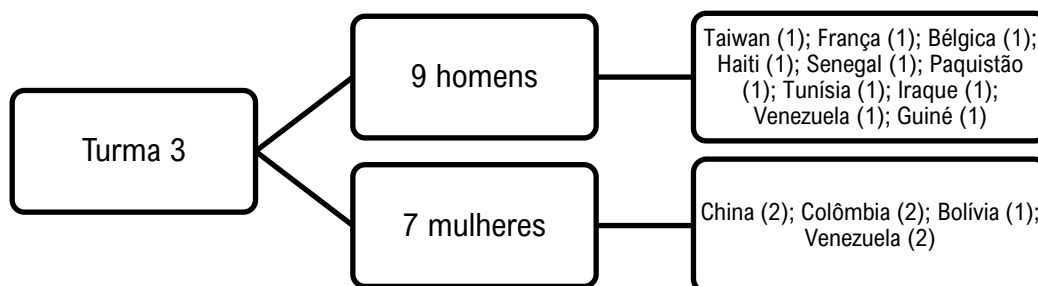
Na próxima seção, apresentamos o público-alvo e o contexto desta pesquisa.

## 2 IMIGRANTES APRENDIZES DE PLAC NO NEPPE-UEMS

Este artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento que vem se desenvolvendo no âmbito do Núcleo de Ensino e Pesquisa de Português para Estrangeiros (Neppe-UEMS). Esse núcleo faz parte de uma das várias ações desenvolvidas pelo Programa *UEMS Acolhe - Acolhimento Linguístico, Humanitário e Educacional a Migrantes e Refugiados*. Além da oferta de cursos de português, também atendemos a comunidade migrante e refugiada em diversas áreas do conhecimento, com ações que favoreçam a inserção linguística, humanitária e educacional de migrantes e refugiados no estado de Mato Grosso do Sul. O público-alvo dessa pesquisa são os alunos da Turma 3 do curso de Português como Língua de Acolhimento. Essa turma apresenta um perfil totalmente heterogêneo, multicultural e multilíngue, considerando as diversas nacionalidades que ali se encontram. Na época da coleta de dados (maio de 2019), a turma era formada por 16 alunos, sendo desses 9 homens e 7 mulheres, das mais diversas nacionalidades, conforme exposto na figura na próxima página:



Figura 2: Estrutura da Turma 3 – curso de PLAc – NEPPE/UEMS



Fonte: Elaboração própria

Para este artigo, utilizamos os dados coletados de 12 estudantes, pois os demais não autorizaram sua participação. Dos alunos participantes, 7 são homens e 5 são mulheres. A predominância de alunos imigrantes do sexo masculino é percebida não só no ambiente da sala de aula, como também nos números referentes à imigração, o que é corroborado por Cavalcanti, Oliveira e Macedo (2018, p. 66) ao afirmarem que “uma característica marcante na imigração que chega ao Brasil é o domínio de pessoas do sexo masculino”.

Destacamos também o caráter multilíngue da turma, uma vez que todos os alunos participantes possuem conhecimento em outras línguas, além de sua língua materna e do português; alguns, inclusive, possuem domínio de três ou mais idiomas diferentes do idioma nativo. A esse respeito, Oliveira (2010) afirma que grande parte desse público fala mais que uma língua, como constatado anteriormente, e justamente devido às suas experiências pessoais de multilinguismo, a maior parte está mais receptiva às questões linguísticas.

Com relação à identificação dos participantes, a fim de manter sua privacidade, eles serão identificados por letras, de acordo com a nacionalidade, conforme segue: G - guineano; F - francês; CH1 - chinesa; CH2 -

chinesa; S - senegalês; P - paquistanês; T1 - taiwanês; H - haitiano; T2 - tunisiano; B - boliviana; CO1 - colombiana; CO2 - colombiana.

Após termos apresentado brevemente o perfil dos participantes, damos prosseguimento a este artigo em nova seção que discorre acerca dos dados coletados e de suas respectivas análises.

### 3 QUAL É O PAPEL DA LÍNGUA PORTUGUESA NA VISÃO DOS IMIGRANTES APRENDIZES DE PLAC?

Tendo em vista que o objeto de análise deste estudo se pauta na investigação do comportamento humano e de suas vivências em sociedade, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa de cunho interpretativista-exploratório, posto que esse tipo de trabalho “procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto” (BORTONIRICARDO, 2008, p. 34). Para a coleta e análise dos dados aqui apresentados, foi utilizado um questionário semiestruturado, aplicado exclusivamente em língua portuguesa, visto que os participantes possuíam nível intermediário de conhecimento do idioma. Os dados foram coletados no mês de maio de 2019.

Conforme exposto, temos como objetivo, neste artigo, fazer reflexões acerca do papel da



língua portuguesa na vida dos imigrantes aprendizes de português em um curso. Essas reflexões terão como base as respostas dadas pelo público-alvo à seguinte pergunta: *por que você escolheu fazer um curso de português?*

Ressaltamos que essa pergunta é de grande relevância, uma vez que os aprendizes da Turma 3 já falam fluentemente a língua portuguesa e a aprendizagem do idioma, segundo os eles, não aconteceu de forma sistematizada em curso, mas sim por meios

informais, como internet, música e convivência com brasileiros. Assim, o que levou esses imigrantes a buscarem um curso de português, considerando o nível de proficiência deles? As respostas, escritas em língua portuguesa, são apresentadas no quadro a seguir. Ressaltamos que não foram realizadas alterações para fins de adequação linguística, sendo a transcrição fidedigna à escrita original. Acreditamos que, ao manter a escrita original dos nossos participantes, damos mais voz a eles no processo da apropriação da língua portuguesa.

Quadro 1: Objetivos de aprendizagem dos alunos da Turma 3

Identificação	Objetivos
S	Pra ter uma relação melhor com brasileiros. Pretende entrar na universidade.
CH1	Para melhorar meu português. Para trabalhar e viver no Brasil.
CH2	Porque tenho curiosidade de cultura estrangeira, e procurar um emprego.
F	Pra melhorar o nível básico, ter vocabulário, melhorar o sotaque
G	Para conseguir me comunicar.
P	Para conseguir comunicacao.
T1	Porque estou no Brasil preciso aprender falar certo.
H	Porque eu quero melhorar meu conhecimento língua portuguesa.
T2	Por que tem varios motivo estodar para aprender mais e para fazer os curso poplico o trabalha no governo e outros
B	Porque preciso trabalhar, me comunicar com pessoas e fazer meu atividades diarias (ir no sacolao, azogue, etc)
CO1	Para melhorar a qualidade de vida, é muito necessário para o dia-a-dia.
CO2	Para ter melhor desenvolvimento na vida cotidiana.

Fonte: Elaboração própria

Com base nas respostas constantes no quadro anterior, destacamos a frequência com que aparece a palavra *melhorar*. Dos 12 participantes, 6 fazem uso desse termo para explicar seus objetivos de aprendizagem do idioma em um curso. Os demais apresentaram motivos diversos e não recorreram a essa palavra. Assim, pareceu-nos claro que uma das atribuições que o aprendiz de Português como Língua de Acolhimento dá ao aprendizado formal do idioma é que esse processo pode proporcionar a melhora em alguma área da sua vida. Nesse sentido, São Bernardo (2016, p. 135) reforça o papel da língua de acolhimento

para esses imigrantes, que seria o de “facilitar a integração e melhorar a condição das pessoas no ambiente de trabalho, lazer e nas relações sociais”.

Percebemos, também, que o aprendizado da língua portuguesa não se relaciona somente à aprendizagem de gramática e vocabulário. É por meio do idioma que eles almejam se relacionar com outros brasileiros, trabalhar, estudar, realizar ações cotidianas etc. Dessa forma, as palavras de Grosso (2010), ao se referir à língua de acolhimento, vão ao encontro do propósito desse processo de ensino-



aprendizagem, conforme descrito: “orientada para a ação, a língua de acolhimento tem um saber fazer que contribui para uma interação real, a vida cotidiana, as condições de vida, as convenções sociais e outras que só podem ser compreendidas numa relação bidirecional” (GROSSO, 2010, p. 71).

Na afirmação de Grosso (2010), destacamos o uso das palavras *ação*, *interação*, *vida cotidiana*, *condições de vida* e *convenções sociais*, expressões que estão presentes nos objetivos de aprendizagem dos imigrantes da Turma 3, conforme exposto no Quadro 1. Percebemos ainda o uso de *relação*; *trabalhar*; *viver*; *comunicar*; *comunicacao*; *estodar* (em referência a estudar); *atividades diárias*; *dia-a-dia* e *vida cotidiana*, que dialogam com os propósitos de ensino e aprendizagem do PLAC, de agir comunicacionalmente na nova sociedade.

Conforme exposto nos excertos apresentados, as palavras em destaque indicam que o aprendiz de PLAC de fato visa aprender a língua não para fins turísticos ou acadêmicos, como geralmente acontece na aprendizagem de PLE. Para o imigrante, o acesso à língua significa possibilidade de transformar a sua realidade, tornando-se parte da sociedade que o acolhe, conseguindo se estabelecer, conforme aponta São Bernardo (2016). A autora ainda defende que, considerando o público tão específico, “[...] é essencial que o curso ofereça a capacitação linguístico-comunicativa necessária às situações rotineiras de trabalho e aos afazeres do dia-a-dia, já que estas são as necessidades mais urgentes de uso da língua” (SÃO BERNARDO, 2016, p. 64). De acordo com os objetivos apontados pelos imigrantes, é possível então elencar os mais recorrentes e planejar ações que contemplem os interesses desse público, reforçando sempre o papel integrador do idioma junto à sociedade.

Após a análise empreendida nesta seção, damos prosseguimento a este artigo trazendo nossas considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo realizar reflexões acerca do papel da língua portuguesa a partir do olhar de imigrantes aprendizes de PLAC no âmbito do Neppe-UEMS. Apresentamos, inicialmente, o cenário de imigração em Mato Grosso do Sul, a fim de chamar atenção para os movimentos migratórios que vêm surgindo, fazendo com que sejam necessárias políticas públicas de acolhimento a imigrantes que aqui chegam, muitas vezes, em condições precárias. Além da vulnerabilidade social por eles apresentada, temos visto, também, vulnerabilidade linguística e cultural, o que torna emergencial a oferta de cursos de língua portuguesa gratuitos e direcionados a esse público-alvo, considerando suas particularidades. Nesse sentido, justificamos nossa escolha pelo conceito de PLAC por entendermos que os de PLE e PL2 trazem características que não atendem diretamente às especificidades de um público formado por imigrantes que, na maioria das vezes, não se deslocaram por vontade, mas sim por necessidade, em busca de uma vida melhor. Entendemos que, para esse indivíduo, a aprendizagem da língua portuguesa não é uma escolha, mas uma condição necessária para sua sobrevivência. Dessa forma, acreditamos que uma das primeiras acolhidas ofertadas deve ser a linguística, uma vez que a linguagem faz parte da constituição do ser humano e permite que ele tenha acesso a trabalho, saúde, lazer, moradia e outras áreas que são a base da vida humana.

Considerando a análise de dados realizada, destacamos o papel de integração que o idioma tem para esses alunos. Também foi demonstrado o caráter multifacetado da língua de acolhimento para eles. Para esses alunos, a





língua portuguesa perpassa todas as situações de uso de um idioma, que vão desde o social até o laboral e acadêmico. Dessa forma, acreditamos que a língua de acolhimento passa a exercer seu caráter humanizador, prático e comunicativo.

Por fim, além de proporcionar melhor planejamento das aulas, ao estarmos cientes das necessidades dos aprendizes de PLAc, podemos planejar e fomentar ações de natureza extracurricular, tais como oficinas temáticas (por exemplo: como confeccionar um currículo; Fonética e Fonologia do Português, entre outras), palestras com profissionais de diversas áreas como saúde, trabalho, legislação, e também a realização de parcerias com setores da sociedade relacionados ao mercado de trabalho. Por meio de atividades assim, vamos além do processo de ensinar a língua, pois, na verdade, usamos esse processo como facilitador do agir em sociedade. Nessa perspectiva, o ensino de PLAc deve instrumentalizar o imigrante, possibilitando sua integração e o exercício da cidadania.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. **O Português como língua não-materna**: concepções e contexto de ensino. Acervo digital do Museu da Língua Portuguesa. 2005.
- BARBOSA, L. M. A.; RUANO, B. P. **Acolhimento, sentidos e práticas de ensino de português para migrantes e refugiados na Universidade de Brasília e na Universidade Federal do Paraná**. In: GEDIEL, J. A. P.; GODOY, G. G. (Orgs.). *Refúgio e Hospitalidade*. Curitiba: Kairós Edições, 2016, p. 321-336.
- BARBOSA, L. M. A.; SÃO BERNARDO, M. A. **Língua de Acolhimento**. In: CAVALCANTI, L. [et al.], (org.). *Dicionário crítico de migrações internacionais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017, p. 434-437.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. **Institui a Lei de Migração**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm). Acesso em: 17 out. 2019.
- BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Imigração Venezuela/Brasil** [apresentação]. Brasília. 2019.
- BRASIL. Ministério da Justiça. **Migrantes, apátridas e refugiados**: subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil. Brasília: IPEA. 2015. 169 p. Disponível em: [http://pensando.mj.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/PoD\\_57\\_Liliana\\_web3.pdf](http://pensando.mj.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/PoD_57_Liliana_web3.pdf). Acesso em: 17 out. 2019.
- CAMARGO, H. R. E. Portas entreabertas do Brasil: narrativas de migrantes de crise sobre políticas públicas de acolhimento. Dossiê Especial: Português como Língua Adicional em contextos de minorias: (co)construindo sentidos a partir das margens. BIZON & DINIZ (Orgs.). **REVISTA X**, Curitiba, volume 13, n. 1, p. 57-86, 2018.
- CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. **Migrações e mercado de trabalho no Brasil**. Relatório Anual 2018. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2018. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>. Acesso em: 17 out. 2019.
- GROSSO, M. J. Língua de acolhimento, língua de integração. **Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 9, n. 2, p. 61-77, 2010.
- GROSSO, M. J. O utilizador elementar no país de acolhimento. In: GROSSO, M. J. (org.).



**Português para falantes de outras línguas:** o utilizador elementar no país de acolhimento.

Lisboa: Ministério da Educação, 2008.

Disponível em:

[http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/portugues\\_falantes\\_outras\\_linguas1.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/portugues_falantes_outras_linguas1.pdf). Acesso em: 17 out. 2019.

OLIVEIRA, A. L.; FANCA, R. M.; FERREIRA, T. Integrar em língua portuguesa: considerações finais do Projecto 'Aproximações à Língua Portuguesa: atitudes e discursos de não nativos residentes em Portugal'. In: ANÇÃ, M. H.; FERREIRA, T. (Eds.). **Actas do Seminário 'Língua Portuguesa e Integração**. Aveiro. 2007. Disponível em:

<https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/280091/228523+-+simposio.pdf/0d21b421-3636-4452-ad4c-be3841ed82e3>. Acesso em: 17 out. 2019.

OLIVEIRA, A. M. Processamento da linguagem num contexto migratório e de integração. In: GROSSO, M. J. **Educação em Português e Migrações**. Lisboa: Lidel, 2010, p. 30-47.

Disponível em:

[http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/539/3/Processamento%20da%20Linguagem%20num%20Contexto%20Migrat%C3%B3rio%20artigo%20\(1\).pdf](http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/539/3/Processamento%20da%20Linguagem%20num%20Contexto%20Migrat%C3%B3rio%20artigo%20(1).pdf). Acesso em: 17 out. 2019.

SÃO BERNARDO M. A.; BARBOSA, L. M. A. Ensino de Português como Língua de Acolhimento: experiência em um curso de português para imigrantes e refugiados no Brasil. **Fólio** – Revista de Letras, Vitória da Conquista, v. 10, n. 1, p. 475-493, 2018.

SÃO BERNARDO, M. A. **Português como língua de acolhimento:** um estudo com imigrantes e pessoas em situação de refúgio no Brasil. 2016. 206 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

CHILANTE, I. S. P.; SILVA, J. S. F. O papel da Língua Portuguesa sob o olhar de Imigrantes alunos do Neppe-UEMS. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, v. 7, n. 1, p. 42-51, 2020.